



DINÂMICAS SOCIAIS E TURISMO: O VERANEIO CONTEMPORÂNEO NO LITORAL NORTE DO RIO GRANDE DO SUL

Solange Murta Barros, Mestranda do Programa de Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento;
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Campus Litoral Norte.

André dos Santos Baldraia Souza, Doutor e Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo, Docente do Departamento Interdisciplinar do Programa de Dinâmicas Regionais e Desenvolvimento; Universidade Federal do Rio Grande do Sul - Campus Litoral Norte.

Resumo: Esse artigo destina-se à discussão sobre o turismo no litoral norte do Rio Grande do Sul, em perspectiva interdisciplinar, teórica e histórica. Fatores climáticos, logísticos, de transportes e comunicação, transição demográfica, mudanças na composição e tamanho das famílias são relacionados à reflexão necessária sobre o caráter sazonal do turismo no modelo usual de segundas residências. Por meio de revisão bibliográfica não sistemática explora aspectos acerca do turismo doméstico de sol e praia na região, e entabula discussão sobre as mudanças comportamentais no hábito de veraneio dos gaúchos, com a proposta de descrever pontos de inflexão que tornam possível compreensões atualizadas e necessárias. O discurso convencional e estatísticas oficiais sobre o turismo de verão são apenas a parte visível desse fenômeno social, abaixo da linha d'água, o corpo de práticas tem um volume maior, diverso e complexo e articula-se à especulação imobiliária, às políticas de incentivo público, e às novas temporalidades influenciadas pelo mundo virtual dentre outras transformações socioculturais vigentes. As temporadas de férias de verão se tornam cada vez mais curtas, com evidência maior de movimento pendular de visitantes do que permanência; e se por um lado o sonho de possuir uma casa de praia própria começa a perder o brilho, cada vez mais os outrora veranistas optam por estabelecer residência permanente na região, especialmente os mais idosos. O velho veraneio entra em ocaso, e na falta de vocábulo mais específico, boas-vindas à agenda de pesquisa sobre o veraneio contemporâneo, que dura o ano todo.

Palavras-chave: Turismo. Dinâmicas sociais. Litoral. Sazonalidade. Segundas residências.

INTRODUÇÃO

Vivencia-se, a cada dia, uma realidade em constante transformação, embrião para a realização de uma nova situação e, que, ainda que não seja imediatamente percebido, é certo que o velho engendra o novo e o devir. Em outros termos: a realidade está em constante movimento e, por vezes, em plena metamorfose, surge algo que está se alterando e chamando à reflexão. Este é o caso do turismo no litoral norte do Rio Grande do Sul (RS) e de alguns de seus conceitos que continuam a ser compreendidos, mesmo não correspondendo mais à condição contemporânea. O vocábulo veraneio é uma dessas reminiscências, um termo que é compreendido, mas que na prática já não expressa mais o que outrora expressava, do mesmo modo que se compreende a expressão "do arco da velha", mesmo que seja incomum ainda encontrar nas casas o grande baú onde "a vó" guardava suas relíquias (BALDRAIA, 2023).

Semanticamente, o verbo veraneiar está relacionado a ação de um hóspede ao passar suas férias num lugar agradável, geralmente perto do mar, em endereço diferente do habitual. A literatura acadêmica prefere o termo vilegiatura marítima. Para os gaúchos, a palavra é utilizada desde meados do século XIX para descrever um fenômeno cultural próprio, que remete à observação dos hábitos sazonais de aves migratórias, como andorinhas, que buscam locais mais quentes para alimentação e reprodução. Durante os meses mais quentes do ano, notadamente de dezembro a março no hemisfério sul, parte da população metropolitana e dos altiplanos serranos migrava para o litoral do estado, em especial, para as praias nortenhas que são mais próximas e quentes do que aquelas mais ao sul da costa (SCHOSSLER, 2013).

É preciso, no entanto, contemporizar: ao contrário dos passarinhos, não existe nada de instintivo nesse comportamento, ao contrário. Como afirma Oliveira (2015, p. 27): "o veraneio é a prática que desencadeia e é incrementada por circunstâncias criadas para favorecê-la, as melhorias das vias de acesso ao litoral e os negócios imobiliários". Já Stroahercker (2007), por sua vez, destaca que o fluxo de veranistas funcionou como importante vetor de urbanização por quebrar o isolamento geográfico, atrair investimentos em transportes e dinamizar a economia do litoral norte.

O veraneio, portanto, foi uma invenção cultural moderna, alicerçada em crenças curistas que passaram a ser atribuídas às brisas marítimas, à água fria, ao sal e depois, ao sol, como elementos regeneradores de energia vital, incentivadas então pela medicina e a ciência. E ainda contava com incentivos estatais diretos e indiretos para loteamento e venda particular

de terrenos litorâneos por parte de empresas privadas, facilitação e compra de residências e automóveis pelas classes médias suburbanizadas e promoção de modelo de sociabilidade em torno de clubes, colônias de férias e até mesmo hotéis e cassinos, enquanto esses últimos eram legais no país, num simulacro do modelo de balneários sul-americanos já praticado com sucesso no Uruguai e na Argentina. Contou ainda com estímulos ao movimento turístico interno das leis trabalhistas e da garantia de férias remuneradas instituídas para os trabalhadores regulares pelo Estado Novo. O turismo de massa tornou-se um manifesto de ascensão social, patrimonial, válvula de escape da dura realidade, e capaz de arrefecer o desânimo, renovar energias para o trabalho, garantindo as normas de convivência e a unidade familiar (OLIVEIRA, 2015; REZENDE, 2010; SCHOSLER, 2013). A diferença entre veranista e turista é sutil, e a distinção desses termos desprovida de uma reflexão mais ciosa sobre as características do fluxo de pessoas se não inviabiliza, ao menos, torna menos nítido o prognóstico para a elaboração de políticas públicas locais e regionais e dificulta a tomada de decisão (BALDRAIA, 2023). De forma inédita no Rio Grande do Sul, ao realizar em 2013 cerca de 3000 entrevistas com turistas para pesquisa de demanda e satisfação em cidades da Costa Doce e do Litoral Norte (LN) do estado, Brasil, Porto e Rizzon (2016, p. 66) conceituaram como veranista como toda a pessoa que passa férias ou temporadas, geralmente durante o verão, em lugar - praia, campo, cidade interiorana, estação termal - diferente daquele onde vive habitualmente, utilizando-se da estrutura de casa própria, de aluguel ou de amigos). Já para distinção entre os dois perfis de visitantes, elegeram como conceito de turista o da Organização Mundial do Turismo (OMT) que considera turista todo visitante que se desloca voluntariamente por período igual ou superior a vinte e quatro horas para local diferente de sua residência e do seu trabalho por motivo de lazer e sem este ter por motivação a obtenção de lucro (UNWTO, 2010). A base da distinção da pesquisa, aceita pela Secretaria Estadual do Turismo do RS não tem caráter científico, é a autoidentificação dos visitantes como turistas ou veranistas. Sugere-se, entretanto, para melhor especificação complementar a noção de veranista como sendo os visitantes que tenham como prática retornar periodicamente a um mesmo destino turístico onde têm residência própria ou hábito de alugar imóveis no local. Por outro lado, critica-se como muito restrita a noção de turista oficial da OMT, uma vez que o turismo de negócios é uma realidade e o trabalho hoje, em modalidades informais e virtuais, pode ser praticado, inclusive, em sobreposição a intencionalidade de lazer e relaxamento.

Esse artigo discutirá as características do velho e do veraneio contemporâneo no LN do RS, enfocando em especial as condições que possivelmente estão relacionadas a gênese desse novo fenômeno ainda em delineamento. Está estruturado em duas seções que seguem essa introdução, uma sobre os antecedentes desse veraneio atual e outra, que se aprofunda nos

fatores que influenciam a sua transformação. Por fim, uma quarta e última seção, na qual se tece considerações acerca dos novos visitantes para o turismo regional e da proposta de uma agenda emergente de pesquisas sobre sua caracterização, seguidas das referências utilizadas para essa discussão.

2 A METAMORFOSE DO VERANEIO

Em 2011, já se percebia que o movimento sazonal dos gaúchos em busca dos balneários do litoral norte do estado estava mudando. As temporadas de férias de verão se tornavam cada vez mais curtas, com mais vai e vem de visitantes do que permanência. E, se nas semanas do Natal, Ano Novo e Carnaval e nos fins de semana, as areias ainda se encontravam lotadas de pessoas, antes dos anos 2020, verificava-se o esvaziamento atípico das praias ao longo dos dias da semana, em pleno verão (BITENCOURT, 2018; DA SILVA, 2013; DE ANDRADE, 2011).

Durante os anos de pandemia pelo COVID-19, o efeito na paralisação de atividades sociais foi percebido a princípio, no Brasil, a partir de abril de 2020. Para evitar a expansão do contágio interpessoal, as restrições à vida gregária, às viagens e ao lazer fora de casa causaram a redução drástica das transações relacionadas à hospitalidade, eventos, entretenimento, esportes ligados ao sistema de turismo convencional (CLEMENTE *et al*, 2020; OLIVEIRA, PANOSSO NETO, SEVERINI, 2020). No Rio Grande do Sul (RS), porém, o aumento do número de casos de COVID-19 foi intenso entre os meses de junho e dezembro de 2020 e o pânico coletivo, potencializado por confusão com aumento sazonal de infecções respiratórias por outras causas próprios do inverno no sul do País, pela ausência de tratamento específico eficaz e pela inelasticidade da resposta da estrutura de saúde pública (desfalque de profissionais de saúde com dificuldade para reposição, emergências lotadas, filas para acesso aos poucos leitos de tratamento intensivo, assistência tardia, abordagens preventivas controversas), e muitos habitantes da Região Metropolitana de Porto Alegre procuraram suas casas na praia para prática de isolamento social em local mais aberto e aprazível (JUCÁ, 2020).

Mais adiante, na retomada do turismo, já com praias liberadas, facilidade para vacinação pública e gratuita, e em vigência de nova cepa viral de alto grau de contágio e baixa letalidade, houve ondas menores de transmissão observadas após as festas de fim de ano de forma coincidente com o aumento do fluxo de visitantes. Até março de 2022, novo recorde de casos foi alcançado no litoral nortenho, felizmente, menos graves, junto a notícias de atraso nas vacinações e, até mesmo, adoecimento e desfalque de guarda-vidas (CORREIO, 2022b).

Na contramão do ocorrido no cenário internacional e em muitos destinos turísticos brasileiros que chegaram a proibir a entrada de turistas, mesmo com fechamento temporário de praias, restaurantes e casas noturnas do LN gaúcho, Fonseca (2020) observou a continuidade do fluxo turístico, e ainda, que a demanda de turistas, antes sazonal e concentrada nos feriados principais e meses do verão brasileiro (de dezembro a março), se dispersou ao longo de todo ano. É possível que, com o afastamento compulsório de postos de trabalho e paralisação de escolas convencionais, a disponibilidade de boa rede de comunicação local pela internet e propriedade disseminada de aparelhos celulares tenha impulsionado a mudança de atividades presenciais para os novos modelos de *home office* e educação a distância e a ocupação de segundas residências como refúgios mais ou menos permanentes, da mesma forma que em sítios do chamado nomadismo digital documentados no cenário internacional (HERMANN, PARIS, 2020).

Essa mudança mais ampla, permitiu a fixação de muitos dos visitantes de outrora, especialmente os mais idosos e aposentados, nas segundas residências que antes se destinavam a ocupação em suas férias. Por sua vez, a facilidade de integração regional por vias de acesso rodoviário permitiu que aqueles que precisavam continuar trabalhando em centros urbanos transitassem entre esses e suas segundas residências com comodidade e rapidez (ZUANAZZI, BARTELS, 2016; LOPES, RUIZ, ANJOS, 2016; FONSECA, 2020).

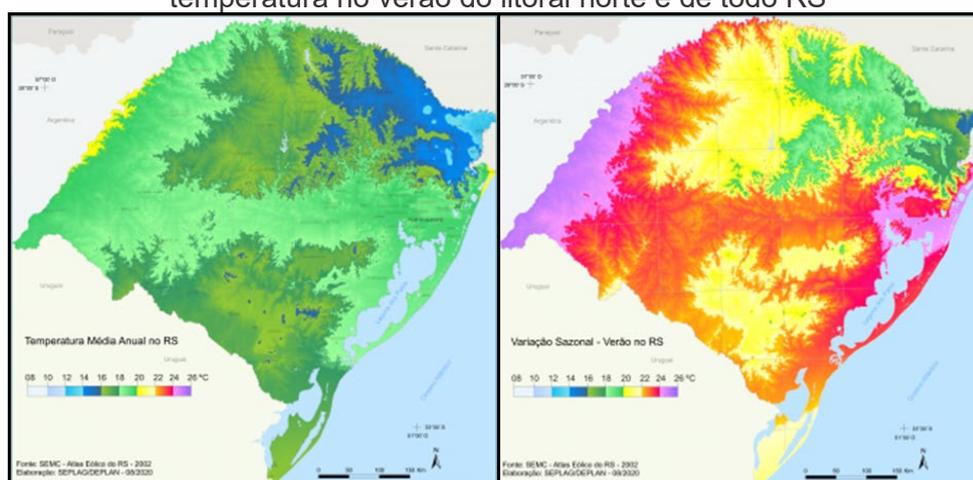
3 O QUE ATRAI OS GAÚCHOS PARA O SEU LITORAL?

Em relação ao turismo doméstico intrarregional, além desses fatores atrativos e restritivos que podem ser elencados na preferência de gaúchos pelas praias do próprio estado, aspectos culturais tradicionais e da sociabilidade entre familiares e vizinhos também parecem ter exercido forte apelo. Contudo, o clima e as condições do tempo, as peculiaridades da paisagem e a facilidade ou não de acesso são considerados os fatores físicos e estéticos principais de atratividade turística. Dentre fatores climáticos e do tempo, as dimensões térmica e de elementos meteorológicos como ventos e chuvas, intensidade de radiação solar, nebulosidade, influenciam não só influenciam as escolhas de vestuário, de atividades e demandas por equipamentos turísticos, como costumam tornar uma ou outra opção preferencial aos olhos dos turistas. É comum que aqueles que vivem habitualmente em locais frios, procurem passar seu tempo de férias em locais mais quentes, e vice-versa (DE FREITAS, 2003; VINER, NICHOLLS, 2006). O acesso logístico, seja pelo desejo de isolamento em lugares de difícil acesso ou, amiúde, a busca por facilidade de acesso e conforto do transporte independente das distâncias também são fatores considerados na escolha turística. Por fim restrições, como de aporte financeiro, condições cambiais, tempo,

familiaridade ou não de uma segunda língua também exercem forte influência na tomada de decisão do turista quanto ao destino de sua viagem (VINER, NICHOLLS, 2006; LOPES, RUIZ, ANJOS, 2018.) O calor no verão e as temperaturas distintas das demais áreas do estado eram atratividades óbvias do litoral (fig. 1), mas não são explicações suficientes.

Essa seção complementarará essa explicação em quatro segmentos, inspirados em sucessos da música popular brasileira: a primeira “Uma canção de verão”, trata de aspectos da sazonalidade e de variações climáticas relacionadas ao fenômeno do veraneio; a segunda, “Nós vamos invadir sua praia”, trata de acessibilidade, distâncias e de como a evolução tecnológica vem modificando o seu entendimento; e a terceira, “Simca Chambord e o Ouro do Tolo”, chama atenção para o apelo popular da posse de um automóvel; e a quarta, trata do fim do sonho da “Casa da praia”, discorrendo sobre a relação entre mudanças sociais e demográficas com aquelas em curso na prática de ocupação de segundas residências no LN do RS.

Figura 1 Díptico que demonstra a temperatura média anual e variação sazonal da temperatura no verão do litoral norte e de todo RS



Fonte: Atlas socioeconômico do RS, publicado 19 ago. 2020.

3.1 “Uma canção de verão”

É como um sol de verão/ Queimando no peito
Nasce um novo desejo/ Em meu coração (...)
(Roupa Nova, 1981)

O grupo vocal Roupa Nova, formado por cariocas, estourava, em 1981, em todas as rádios com o som de mais uma canção de sucesso que bem demonstra em sua letra singela a conexão entre novos desejos criados para e pelo verão. O verão, assim como as outras estações do ano, é consequência do movimento de translação da Terra em torno do sol. A

variação do eixo de inclinação enquanto transcorre uma órbita causa diferentes incidências diretas dos raios solares e resulta nas distintas cores, variação de duração dia/ noite e climas das quatro estações clássicas - verão, outono, inverno e primavera – que são bem definidas nas zonas temperadas do hemisfério norte do globo. Na maior parte do território brasileiro, entretanto, que é inserida entre os trópicos, a amplitude de variações climáticas percebidas como sazonais ou catastróficas fazem mais referência às variações de pluviosidade.

As precipitações, mais abundantes nas áreas de clima equatorial do extremo norte do país, escassas tradicionalmente em boa parte do árido sertão continental à nordeste, costumam ser distribuídas de forma mais ou menos regular ao longo dos meses do ano nas zonas tropicais litorâneas ou serranas do sudeste e no planalto centro-oeste, com predominância nas estações mais quentes que correspondem ao verão e outono. Fenômenos climáticos globais como El Niño e La Niña, que são fenômenos cíclicos que ocorrem, respectivamente, pelo aquecimento e o esfriamento das águas equatoriais do Oceano Pacífico, seja por arrefecimento ou fortalecimento de ventos alísios, também tem grande influência do regime de chuvas no Brasil ao longo dos anos. Sua alternância, inclusive com períodos neutros, não segue ciclos regulares, os efeitos, que podem ser sentidos a partir dos últimos meses do ano e durar de ano e meio a três anos consecutivos, podem ocorrer a intervalos de 2 a 7 anos e demonstram consequências díspares ao norte e ao sul do território nacional. Enquanto na região sul do país, o El Niño provoca maiores volumes de chuva, o mesmo fenômeno faz com que as regiões Norte e Nordeste experimentem severas secas; já o fenômeno La Niña, favorece a formação de chuvas nessas últimas regiões e, de forma contrária, reduz as precipitações na região Sul quando de sua ocorrência. Cada vez mais, em especial nas áreas de aglomeração urbana, e/ou onde ocorrem desmatamentos, impermeabilização do solo, poluição da atmosfera e outras intervenções antrópicas que impactam o ciclo hidrológico, o perfil de chuvas vem sendo alterado, tanto em intensidade como em distribuição espacial e temporal ao longo das estações e meses do ano, menos marcado e mais incerto (RS/ SGPP, 2021; VALENTE *et al*, 2023). Por fim, mas não menos importante, registra-se que o litoral sul de SC e o norte do RS vêm passando por eventos climáticos intensos e severos, com destaque para o Furacão Catarina, que se devassou a região, há quase duas décadas, e ao ciclone bomba que deixou um rastro de destruição em julho de 2020 (CORREIO, 2022a; ZERO HORA, 2020).

Nas latitudes mais ao sul costa sul brasileira, dois conjuntos duais de massas de ar, um tropical e outro polar, alternam-se em movimentos e preponderância: a massa de ar tropical atlântica, de característica quente e úmida, que se predominante acarreta chuvas no verão; a tropical continental, que aumenta as temperaturas, mas guarda a característica seca; a

massa de ar polar atlântica, que se forma no oceano e acarreta as chuvas corriqueiras durante o inverno, e, por fim, a polar continental, que é seca e fria, e propicia condições para a formação de geadas. Valente e seus colegas (2023), ao estudarem por modelos pluviométricos a influência do sistema El Niño de Oscilação Sul (ENOS) no RS durante o século XX, destacam a particularidade da região costeira ao norte do estado, cujo relevo da face leste ao norte corresponde a uma altitude média de 900m a cerca de 50 km do oceano, e onde coexistem a influência constante do Atlântico e de seus centros de alta pressão na gênese de ciclones, assim como precipitações orográficas, ou seja, chuvas em que as massas de ar úmido de origem marítima encontram elevações de relevo como serras e montanhas e são forçadas a subir a grandes altitudes e ainda frontogênese, em que a intensidade de frentes é alimentada tanto a proximidade do oceano quanto pela ação de massas de ar originadas da Antártica. Os mesmos autores detectaram quebra do padrão geral de concentração de chuvas, mais notadas na ocorrência de El Niño intenso, a partir de 1955, com picos de concentração de maiores volumes de chuva em um número reduzido de meses (VALENTE *et al*, 2023)

A interpretação desses aspectos sazonais e climáticos pelo imaginário local de gaúchos do litoral norte e de sul catarinenses condiz com a inserção territorial de seus estados inteiramente na zona subtropical sul. A população em geral identifica apenas duas das quatro estações em sua fala cotidiana: quando faz calor e os dias são mais longos, com temperaturas que ultrapassam facilmente 30 graus Celsius, e nos meses que vão de dezembro a março, é verão; por outro lado, o frio moderado que se instala a partir de então, que pode levar a geadas e eventualmente neve dependendo das altitudes, fala-se em inverno. Culturalmente, é comum que dois conjuntos de roupas se alternem nos armários: um em uso, outro guardado em maleiros; estando mais a mão hora a andaina de roupas para dias quentes, hora as roupas e mantas usadas “no inverno”. A grande influência das massas de ar nas variações do clima mesotérmico úmido característico do litoral norte, por sua vez, é traduzida por regionalismos linguísticos. A despeito de todas as direções que os ventos podem tomar, existe o temor principal por três ventos conhecidos por sua toponímia: o ‘Minuano’, que tem origem no deserto da Patagônia Argentina, frio, de origem polar e que se segue a passagem de frentes frias; o ‘Pampeiro’, que tem origem nos pampas da Argentina e gaúchos e segue se movimentando para o norte, baixando bruscamente a temperaturas e provocando chuvas, e o “Nordestão”, vento forte que é protagonista dos verões do litoral, e vem do oceano arrastando guarda-sóis e telhados com velocidades que podem alcançar 30 a 40km/h. O vento forte que vem do mar é mais frequente durante os dias mais quentes, quando o contraste da temperatura da área litorânea com o frio da água do mar é maior, e, portanto, nos anos que ocorre o fenômeno La Niña (RS/ SGPP, 2021).

As maiores diferenças entre o litoral norte do RS e sul de SC dizem respeito ao contorno litorâneo. No limite setentrional de Torres- RS com Passo de Torres - SC e em diante, penínsulas e recortes abrigam vegetação aprazível, faixas de areia abrigadas dos ventos e de bacias protegidas das correntes, e formam recessos que facilitam a navegação e sediam portos. Em sentido meridional, de Torres até Palmares, e por toda a extensão da “maior praia do mundo”, existe a constatação bradada com orgulho, contudo algo melancólica, de que o litoral norte e sul dos gaúchos tem algo de inóspito em ser uma única reta contínua que junta o mar frio e o céu aberto com dunas áridas, moldadas por grãos de areia castigados pelos ventos. Assim, se navegar e aportar em SC sempre foi mais tranquilo, o acesso ao litoral do RS apresentou uma dificuldade adicional, com consequente urbanização tardia (RS/ SGPP, 2021, STROHACKER, 2007).

3.2 “Nós vamos invadir sua praia”

Daqui do morro dá pra ver tão legal/ O que acontece aí no seu litoral
Nós gostamos de tudo, nós queremos é mais/ Do alto da cidade até a beira do cais
Mais do que um bom bronzeado/ Nós queremos estar do seu lado/ (...)
Separa um lugar nessa areia/ Nós vamos chacoalhar a sua aldeia (...)
(Ultraje a Rigor, 1985)

“Nós Vamos Invadir Sua Praia” é a canção título do disco de estreia da banda paulista de rock Ultraje a Rigor, lançado em 1985. Sua letra remete à importância da praia para o lazer popular e faz uma crítica bem-humorada sobre sua ocupação democrática e os conflitos entre diferentes classes de usuários. Revela ainda a invenção da praia pelo ponto de vista da cultura brasileira contemporânea.

Antes do século XVIII, no ocidente, entretanto, as terras nas imediações dos oceanos eram consideradas espaços tão amedrontadores quanto o era o alto mar: sujeitos a invasões beligerantes, águas traiçoeiras e até mesmo a ataques de míticos monstros aquáticos. Não por acaso, as praias eram mais sujeitas à fortificação protetora do que ao incentivo ao acesso para banhos de mar, considerados profanos, impudorados e até mesmo ameaçadores à saúde. A invenção da praia como lugar aprazível surgiu, após 1841, nas costas europeias do Atlântico e Mediterrâneo por incentivo na medicina, ciência e práticas higienistas que alardeavam as propriedades relaxantes e curativas da vilegiatura marítima e a oportunidade de exploração lucrativa da sociabilidade em torno de hotéis e cassinos de luxo a beira-mar, disponíveis para classes sociais abastadas (SCHOSSLER, 2013; OLIVEIRA, 2015).

Desde o período colonial, prescrições de brisa do mar, sal e mesmo a água fria como capazes de restaurar a energia vital influenciaram a valorização de estações litorâneas do sudeste e nordeste do Brasil. No RS, entretanto, a própria estabilização tardia de limites entre portugueses e espanhóis, costa pouco propícia à atracação e o isolamento geográfico litoral, tornaram sua ocupação populacional bem mais tardia. Pouca evolução se via em relação ao antigo caminho do mar que foi abandonado pelos tropeiros que chegavam e saíam da Colônia de Sacramento pelo caminho mais central dos conventos até o século XIX e, até por volta dos anos 20 e 30 do século XX, chegar ao litoral norte gaúcho ainda era uma aventura cheia de obstáculos. Para se chegar de Porto Alegre às praias de Cidreira, Tramandaí e Torres, que faziam parte da antiga freguesia de Conceição do Arroio, as opções eram demoradas e desconfortáveis: ou utilizava a via fluvial pelo Rio Guaíba combinada a trechos lacustres e ferroviários até Palmares, subindo então até Tramandaí e Torres por carros de boi que ultrapassavam com dificuldade os cômodos de areia cobertos de esteiras na beira do mar, ou se optava por diligências puxadas a cavalo que cruzavam a Serra Gaúcha e que eram consideradas o pior caminho. Investimentos públicos a partir do Estado Novo e ao longo de todo o século XX priorizaram a indústria automobilística e a malha rodoviária estadual se expandiu espacialmente, em detrimento da expansão e manutenção de estradas de ferro e meios de navegação interna, culminando com a inauguração, nos anos 70, da BR-090 ou “*Freeway*”, que hoje interliga a Região Metropolitana de Porto Alegre e a Aglomeração Urbana do Litoral Norte em pouco mais de uma hora (SCHOSSLER, 2013; STROHACKER, 2007, OLIVEIRA, 2015).

A noção de distância não se modificou apenas devido a melhores estradas, a rápida evolução dos meios de comunicação também contribuiu para isso. Do telégrafo, correspondência escrita e da comunicação através de mensagens para parentes e amigos veiculadas em programas de rádio, popularizou-se a comunicação por telefonia fixa, em que filas se formavam para uso de raras cabines telefônicas. Aos poucos, proliferaram pontos de telefones públicos a ficha, os “orelhões”, e linhas particulares de telefones nos comércios e residências tornaram-se mais comuns, mesmo que as ligações a longa distância fossem caras. A revolução da informática e a viabilidade de rápida transmissão de dados por satélite, saltos tecnológicos a partir da última década do século XX, disseminaram o uso de aparelhos telefônicos móveis, hoje cada vez mais acessíveis, intuitivos e onipresentes - *smartphones*, celulares, *tablets*, mensagens entregues por via digital, vídeo chamadas, redes sociais e aplicativos de comunicação instantânea, entre outros. Conversar em tempo real com alguém distante ou participar de eventos virtuais do outro lado do mundo não é mais um problema (FONSECA, 2020; HERMANN, PARIS, 2020; OLIVEIRA, 2015).

A sociabilidade praiana centralizada em hotéis-cassinos, chalés, segundas residências praianas, clubes, campings e colônias de férias e glamourizada nas revistas e panfletos promocionais da época prestava-se a cópia do formato de balneários argentinos e uruguaios, o que inclui o uso do vocábulo balneário, menos prevalente em outras do país, exceto aquelas onde se fixaram as ondas de migração, caso do Mato Grosso do Sul, por exemplo. Esse modelo de ocupação e exploração do litoral gaúcho e catarinense, distinto do que ocorreu organicamente na maior parte do país, não ocorreu apenas devido a afinidades geográficas e climáticas em comum. Atendeu a especulação imobiliária que comprou de herdeiros de fazendas da região lotes de terras arenosas de pouco valor agrícola ou para pecuária, loteados e vendidos por empresas particulares. Incentivos estruturais estatais ao desenvolvimento de transportes rodoviários, comunicações, aumento da frota de automóveis particulares, financiamentos para compra de residência própria, segundas residências e de apoio ao turismo impulsionado por férias pagas e receptividade aos vizinhos sul-americanos também fazem parte desse cenário (STROHACKER, 2007, OLIVEIRA, 2015).

Interessante pontuar que, embora a partir dos anos 60 e em especial após 1988, tanto Cidreira, Tramandaí, Torres, como Imbé, Arroio do Sal, Xangri-lá, Capão da Canoa e outras praias do litoral norte tenham se emancipado como municípios, o termo praia ainda costuma ser usado pelo senso comum para designá-los. Isso causa alguma confusão, pois esses municípios por sua vez englobam bairros balneários também chamados de praias, e o termo “praia” também é usado de forma mais estrita para designar tanto o espaço de areia em frente ao mar como a zona de estirâncio, ou seja, a faixa de litoral levemente inclinada para o mar entre os níveis médios da maré alta e a maré baixa. Independente de outras concepções, os autores preferem utilizar “praia” para designar, no coletivo, as praias de um município litorâneo ou da região litorânea como todo, ou, em particular, quando seguido do possessivo “de”, para a faixa litorânea de um bairro-balneário. Assim, tratamos aqui das praias do litoral norte como o conjunto das praias que vão do sul do município de Palmares do Sul até Torres e, se caso especificar uma porção litorânea específica, considera-se utilizar, por exemplo, praia de Atlântida ou praia da Barra, ao se referir as praias específicas do município de Osório ou de Imbé, respectivamente.

3.3 “*Simca Chambord e Ouro de tolo*”

Eu devia agradecer ao Senhor/ Por ter tido sucesso na vida como artista
Eu devia estar feliz/ Porque consegui comprar um Corcel 73 (...)
(Raul Seixas e Marcelo Nova, 1973)

Um dia me pai chegou em casa/ Nos idos de 63
E da porta ele gritou orgulhoso/ Agora chegou a nossa vez
Eu vou ser o maior, comprei um/Simca Chambord (...)
(Camisa de Vênus, 1986)

Os baianos Raul Seixas e Marcelo Nova foram parceiros em muitas canções de sucesso, como as que compõe o álbum “A Panela do Diabo”, o último LP gravado pelo primeiro. Destarte, o título acima faz menção aos versos da canção “Ouro de tolo”, de 1973, gravada individualmente por Raul, que como narrador se confessa um tanto despontado mesmo após a aquisição de um carrão e outros signos de sucesso da época. Já “Simca Chambord”, lançada em 1986, é outro rock nacional que faz referência a um veículo automotor, de mesmo nome, que marcou a infância dos autores e de muitos fãs da banda Camisa de Vênus, por ter sido um ícone do consumo da classe média nos anos 1960. Ambas as letras das canções demonstram que o automóvel era um objeto de desejo e que nos idos de 1960 e 1970, como bem restrito a uma parcela diminuta da sociedade. E era esta parcela que, majoritariamente, dispunha de recursos para poderem veraneiar nas praias do litoral norte. Nos anos 1990, a abertura do mercado, iniciada com o governo Collor, proporcionou novas condições econômicas: de um lado, com o advento do Plano Real, que em seu bojo trouxe a redução da inflação e dos juros, permitiu certa previsibilidade para a assunção de financiamentos de bens duráveis, tanto carros como moradias; de outro, neste período, as montadoras multinacionais de automóveis instaladas no país uniram-se e postularam a proposta de se construir carros populares. Elas receavam a concorrência com outros veículos estrangeiros que iniciavam suas trajetórias no mercado nacional, e enterraram a brasileira Gurgel, que visava ganhar mercado com seu projeto inovador chamado BR-800. De um jeito ou de outro, a frota de automóveis particulares só fez aumentar e suas repercussões foram sentidas nas casas e na praia nos anos seguintes

3.4 “Casa da praia”

A minha casa da praia/ Era tudo o que eu queria
Na verdade, era pra ser/ Um recanto de alegria
O sonho de ser feliz/ Eu a mulher e as gurias
Se transformou num hotel/ De quinta categoria
No forte da temporada/ É lotação esgotada
Durante sessenta dias/ Saia um e vinha outro (...)
Todos comendo e bebendo/ E ninguém pagando nada

É um descanso “as avessa”
Meu veraneio começa/ No final da temporada
(Ernesto Nunes, 2007)

A arte ilustra e comenta a vida cotidiana de forma transparente. A música Casa de Praia do nativista gaúcho Ernesto Nunes, lançada há quase vinte anos, continua atual. Seu mote é o incômodo daqueles que sonharam com uma casa de praia para relaxar e se incomodam com o entra e sai de visitantes indesejados, espalhados pelos quartos ou dormindo em colchões pelo chão da sala, até às despesas em excesso que ninguém concorda em dividir. Não por acaso, fez sucesso no litoral gaúcho, rendeu uma continuação e, em 2017, um fechamento com a canção em tom de alívio, “Eu vendi a casa da praia”.

A descrição comum do antigo hábito de veraneiar, dos anos 60 aos 90, era a imagem do pai que trazia no carro da família, com bagageiros sobre o teto, porta-malas e bancos de passageiros lotados: a esposa, os filhos, os sogros e outros agregados, cachorros, malas e gêneros suficientes para dar suporte a toda longa temporada, o “rancho”. O velho Chevrolet Veraneio, mais conhecido por ser o carro da polícia daquele período, era uma perua com amplo espaço interno e grande porta-malas que apregoava conforto para transporte de toda a família (Fig. 2). Ao provedor permitia-se a liberdade de retornar aos seus afazeres metropolitanos e voltar a intervalos regulares, nos fins de semana de sol, trazendo parte dos recursos que faltavam para a família no litoral (STROHACKER, 2007, OLIVEIRA, 2015).

O veraneio era um fenômeno sociocultural e econômico decorrente de um conjunto de ações que culminava num calendário mais extenso de ócio para aqueles que podiam desfrutar dos ares praianos. Juntava desde as datas comemorativas do final de ano às festas populares, o período compreendido entre Natal e Carnaval, e se harmonizava com o longo período das férias escolares. O desafio para as famílias com múltiplos filhos em contemporizar o descanso do fim do dia dos adultos que continuavam trabalhando aos folguedos de crianças e adolescentes cheios de energia presos em apartamentos e casas sem quintal, típicos das áreas metropolitanas; encontrava solução na temporada de praia. Ao boom de automóveis particulares e a possibilidade pecuniária estendida à classe média de aquisição de uma segunda residência nas terras arenosas e baratas do litoral, coadunando com os interesses da especulação imobiliária, se somava ao fato da maior parte das mulheres mantinha atividades apenas domésticas que permitiam o acompanhamento integral dos filhos e dos idosos. Havia ainda a prontidão local de um exército de trabalhadores informais de baixo custo, da construção civil aos domésticos, como caseiros, cozinheiras, jardineiros.

Figura 2 - Panfleto publicitário.

Três vezes três, nove: Três pessoas em cada banco, instaladas confortavelmente.
Depois de entrarem, comodamente, pelas quatro amplas portas do Chevrolet Veraneio. (E há ainda uma quinta porta atrás).
Nove pessoas com espaço para pernas, braços, cabeça e bagagem.
Espaço que é conforto.

Espaço que pede potência (149HP de Chevrolet) que pede segurança (freios auto-ajustáveis) que pede solidez (suspensão por molas espirais nas quatro rodas).
Nenhuma perua dá a você tudo isso junto. E sem desconjuntar nada, nem ninguém...
Faça a prova dos nove: Convide oito amigos a irem com você a um Concessionário de Qualidade de Chevrolet para conhecerem melhor o único station-wagon brasileiro. Conhecerem melhor suas cores e seu novo interior. Conhecerem melhor o Veraneio 71.
Um carrão de luxo que se dá ao luxo de ter um banco a mais.
(Três modelos: C-1416, Veraneio e Veraneio de Luxo, disponíveis em muitas opções).

CHEVROLET
VERANEIO

Fonte: André Dantas, Blog Autoentusiastas, nov. 2010.

A sociabilidade baseada em clubes e associações, seus bailes e eventos da estação, por vezes dispensavam até mesmo pisar na areia ou banhos de mar, e quando não reproduziam o ambiente social de origem, transformavam-se em uma pantomima de ascensão social em que as colunas de revistas conferiam visibilidade e status. Fosse em curtos passeios a pé ou circulando de carro pelos pequenos centros comerciais, jovens paqueravam e os mais velhos assistiam passar as modas e o movimento que faltava fora do verão. Além das casas de praia, as colônias de férias e *campings* também eram utilizadas como moradia temporária durante essa época do ano, uma vez que a rede de hospedagem oficial - hotéis e pousadas - era limitada e seus preços, proibitivos para famílias numerosas. Também as próprias residências dos locais se juntavam à rede de hospedagem: muitos locavam suas moradias em datas específicas ou por temporada maiores e se abrigavam com sua família na casa de outros familiares e/ou amigos.

O litoral tinha um comércio restrito, com preços caros, o inverso do que hoje se evidencia com a instalação de unidades de grandes redes de supermercados voltados para massas e o abastecimento do varejo e do atacado. A economia local era aquecida durante o veraneio, surgiam novas oportunidades de emprego na construção civil, em quiosques e bares que atraíam toda sorte de trabalhadores temporários de baixa qualificação e, em boa parte das vezes, contratados informalmente. Os turnos de trabalho eram dobrados, o trabalho sob sol e que entrava pela noite, pesado e, de forma paternalista, o discurso político muitas vezes traduzia o índice de desemprego que aumentava no fim da temporada por falta de

oportunidade de emprego e renda perenes, como tempo de ócio e de “descanso” merecido, em uma meta interpretação inapropriada do defeso como imposição para sustento da pesca. A sociedade, no entanto, mudou. O veraneio contemporâneo não diz respeito mais a sazonalidade estreita: dispersou-se ao longo das outras estações do ano e junto ao “outoneio”, “inverneio” e “primavereio” são desafios adicionais para equalizar investimentos regionais em infraestrutura e qualidade de vida de moradores e turistas. E, ao contrário do senso político comum que é voltado para ações isoladas de cada município, cada vez mais se evidencia a necessidade de empreendimentos conjuntos intermunicipais e intraregionais (BALDRAIA, 2023). O número de dias letivos por ano foi ampliado, as taxas de fecundidade caíram e existem menos filhos jovens em cada família, a maior parte das mulheres também trabalha fora de casa, várias oportunidades de lazer metropolitano acompanharam a proliferação de shoppings, academias, piscinas em condomínios. O tempo de deslocamento entre a região metropolitana e o litoral foi reduzida pela melhoria das vias, pelo aumento da quantidade de veículos, pela disponibilidade de comunicação por telefonia e internet e a possibilidade de acesso rápido facilita idas e vindas de famílias inteiras a cada fim de semana ou feriado, e o comércio local hoje permite que a viagem seja independente de trazer tantos recursos na bagagem. Os índices demográficos também denotam o crescimento populacional nos últimos 20 anos acima da média nacional e do próprio Rio Grande do Sul, especialmente nos municípios praianos e urbanos em comparação aos municípios mais rurais, e o alcance da transição demográfica acentuada com índice de crescimento percentual da população com idade acima dos 60 anos superior aos vistos anteriormente e crescimento vegetativo estimado para a faixa etária. A redução do tamanho das famílias e o envelhecimento populacional relacionados ao fenômeno de transição demográfica mudou várias lógicas relacionadas ao turismo: cada vez menos vale a pena manter uma grande casa secundária para uso eventual.

O custo elevado de regularização previdenciária reduziu a disponibilidade e tornou a ajuda de trabalhadores domésticos um luxo ainda mais raro. Boa parte do ônus de manutenção das propriedades de classe média cabe aos esforços dos próprios proprietários. É comum que atividades como cozinhar diariamente para a família, cortar a grama e limpar o quintal, atividades muitas vezes secundárias nas cidades de origem devido a facilidade maior de refeições fora de casa e ao sistema de condomínios, tornem-se mandatórias nos destinos de férias. Amplas casas de praia com vários quartos e áreas externas que já foram sinônimo de economia e relaxamento nas férias de famílias grandes e de modo de sociabilidade desejado, tornaram-se hoje em dia, com a expectativa de privacidade de famílias com poucos ou mesmo sem filhos, um fardo devido ao ônus para manutenção, visitantes

indesejados e dificuldade para venda. A casa de praia dos sonhos ou torna-se residência principal por ter um custo mais baixo que os aluguéis metropolitanos, ou vira um pesadelo. Para a população local, persiste a carência de profissionalização e emprego com remuneração desejada. Trabalhadores temporários, passaram a se fixar na região durante todo o ano e competem pelas vagas existentes. Condomínios horizontais e verticais se tornam a solução para estadias seguras e apartadas das mazelas sociais, mesmo que apenas acentuem a desigualdade da vida entre visitantes e locais. A carência de infraestrutura sanitária, em especial quanto a existência e qualidade de sistema água encanada, canalização e tratamento de esgoto e soluções de drenagem pluvial, são mais democráticas, mesmo que também não tenham acompanhado a amplitude de dispersão urbana e o aumento populacional no litoral. Valões negros são vistos escorrendo impunemente pelas areias até o mar, parte das águas subterrâneas, lagoas e rios sofrem alto risco de contaminação. A fauna, sofre, a flora é devastada até mesmo em áreas de preservação e isso repercute no regime de temperatura e chuvas, afetando o clima local e contribuindo para alteração global (HALL, 2006; LOPES, RUIZ, ANJOS, 2018; OLIVEIRA, 2015; STROHACKER, 2007; VINER, NICHOLLS, 2006; ZUANAZZI, BARTELS, 2016)

Em tempos em que a multiterritorialidade e mesmo a transterritorialidade - o estar entre - tornou-se comum e é perfeitamente possível ao mesmo sujeito (ou família) ocupar alternadamente mais de uma residência particular e mesmo constituir domicílios plurais: residenciais, jurídicos e de trabalho. Até mesmo crianças costumam alternar sua residência principal ao longo do ano e ao mesmo dos dias da semana sob cuidados de contrapartes parentais distintas em novos modelos familiares polinucleares: pais separados em guardas compartilhadas, segundas famílias, cuidados substitutivos prestados por avós ou outros atores. De forma semelhante, modelos de hospedagem em casa de parentes e amigos assim como a preferência cultural por manter uma segunda residência como casa de praia e a emergência de transportes interurbanos compartilhados são opções correntes no turismo doméstico brasileiro que escapam às estatísticas da indústria turística ainda voltadas a fontes de dados geradas por redes hoteleiras, locadoras de veículos e fluxo de viagens aéreas e rodoviárias oficiais (HALL, 2006, UNWTO, 2010).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Talvez por estar abaixo da linha d'água do turismo oficial, pouca atenção conceitual tenha sido despendida até agora para diferenciar comportamentos e demandas de turistas e de "veranistas", ou mesmo em pesquisar flutuações qualitativas da população visitante. Estudos quantitativos dessa população não permanente, que se soma a população

residente do LN do RS, costumam excluir aquelas pessoas que alternam domicílios e empregos dentro de seu aglomerado urbano e entre ele e a região metropolitana próxima. Traçando um paralelo metafórico com icebergs, apenas dez por cento do movimento turístico dentro do próprio estado é superficialmente contabilizado, pois cerca de 80 a 90% desse movimento de pessoas é não convencional, complexo e diversificado, muito próximo de comportamento nômade e pendular. Esse corpo ainda invisível, que corresponde a grande massa submersa de um bloco de gelo que flutua no mar, é um campo fértil para novas reflexões sobre o comportamento social e demográfico.

Para estudar o novo veraneio na aglomeração urbana do LN do RS, é preciso entender que seus municípios e atores têm interesses distintos e, por vezes, conflitantes. Não apenas pelo fato de os municípios praianos concentrarem a maior parte de movimento turístico tradicional, área urbana construída, segunda residências e população ser apenas um dos grupos de municípios, bem distinto do grupo de municípios rurais, mais a encosta da serra, ou daqueles com atividade agroindustrial predominante. Atores públicos, privados, variáveis econômicas nacionais e supranacionais, inclusive climáticas, também tem cada qual sua parcela de influência. O desafio da agenda de pesquisa sobre o novo veraneio só não é maior do que o da gestão pública integrada e de múltiplos níveis, que deve não apenas planejar o turismo e estratégias para equilibrar as demandas e respostas a população de cada local, e sim, ir além do conhecido para racionalizar recursos e conciliar interesses distintos em prol do desenvolvimento humano e regional.

5 REFERÊNCIAS

BALDRAIA, A. Para além do veraneio: é necessário estruturar e coordenar as ações e os processos realizados nos municípios que compõem a bacia do Rio Tramandaí. **GZH**, 03 mar. 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniaio/noticia/2023/03/para-alem-do-veraneio-clerolm29003h016mruut2a1k.html>. Acesso em: 02 abr. 2023.

BITENCOURT, K. Mudança de hábitos durante o veraneio. **Jornal da Pampa** Vídeo. 2min58s. Xangri-lá, 19 jan. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/ZdeamYyB-ww>. Acesso em: 02 abr. 2023.

BRASIL, E. F. S.; PORTO, C. R. P.; RIZZON, K. Pesquisa em turismo: Costa Doce e Litoral Norte do Rio Grande do Sul. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, v. 41, n. 1, p. 63-73, jan. /abr. 2016. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/11880/8174>. Acesso em: 02 abr. 2023.

CLEMENTE, A. C. F.; ANDRADE, L. G.; STOPPA, E. A.; SANTOS, G. E. O. Políticas públicas frente aos impactos econômicos da COVID-19 no Turismo. Brasília, DF: Cenário: **Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, v. 8, n. 14, p. 73 - 85, jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/revistacenario.v8i14.32210>. Acesso em: 9 out. 2022.

CORREIO do Povo. Furacão Catarina, que deixou 11 mortos e milhares de desalojados, completa 18 anos. 15 mai. 2022. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/furac%C3%A3o-catarina-que-deixou-11-mortos-e-milhares-de-desalojados-completa-18-anos-1.822467>. Acesso em: 25 abr. 2023.

CORREIO do Povo. Região do Litoral Norte registra maior número de casos de Covid-19 desde início da pandemia. 12 jan. 2022. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/verao/regi%C3%A3o-do-litoral-norte-registra-maior-n%C3%BAmero-de-casos-de-covid-19-desde-in%C3%ADcio-da-pandemia-1.754439>. Acesso em: 12 fev. 2022.

DA SILVA, M. O. Pesquisa revela que turistas já superam veranistas no litoral gaúcho. **Litoralmania**, 28 nov. 2013. Disponível em: <https://litoralmania.com.br/pesquisa-revela-que-turistas-ja-superam-veranistas-no-litoral-gaucha>. Acesso em: 02 abr. 2023.

DE ANDRADE, R. B. Mudança de hábitos transforma o veraneio dos gaúchos: Veranistas estão mais acostumados a temporadas curtas na praia. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 25 fev. 2011. Disponível em: <https://www.jornaldocomercio.com/economia/2011/02/940440-brasil-tem-mais-de-205-milhoes-de-linhas-de-telefone-celular.html>. Acesso em: 02 abr. 2023.

DE FREITAS, C R. Tourism climatology: evaluating environmental information for decision making and business planning in the recreation and tourism sector. **International journal of biometeorology**, v. 48, n.1, 2003, p. 45-54. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00484-003-0177-z>. Acesso em: 02 abr. 2023.

FONSECA, C. Refúgio à beira-mar: veranistas engrossam população do Litoral Norte durante a pandemia e cogitam mudanças em definitivo. **GZH**, 26 jun. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2020/06/veranistas-engrossam-populacao-do-litoral-norte-durante-a-pandemia-e-cogitam-mudancas-em-definitivo-ckbwmxpi300hc0162ryoicjv6.html>. Acesso em: 09 out. 2022.

HALL, M. C. Demography. In: BUHALIS, Dimitrios; COSTA, Carlos (ed.). **Tourism management dynamics: trends, management and tools**. Oxford: Elsevier, 2006. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/book/9780750663786/tourism-management-dynamics>. Acesso em: 29 mai. 2022.

HERMANN, I.; PARIS, C. M. Digital Nomadism: the nexus of remote working and travel mobility. **Information Technology & Tourism**, v. 22, n. 3, p. 329–334, out. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40558-020-00188-w>. Acesso em: 29 mai. 2022.

JUCÁ, B. Pandemia de Coronavírus: o sul do Brasil encontra a face mais dura da pandemia. **El País**, Brasil, 22 dez. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-12-22/o-sul-do-brasil-encontra-a-face-mais-dura-da-pandemia.html>. Acesso em: 12 jan. 2022.

LOPES, E. B.; RUIZ, T. C. D.; ANJOS, F. A. A ocupação urbana no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, Brasil, e suas implicações no turismo de segunda residência. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 10, n. 2, p. 426-441, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/urbe/a/3HdPQMKgJfY8h89TNqwMrZn/>. Acesso em 29 set. 2022.

OLIVEIRA, A. L. F. V. M. **As duas Atlântidas 1939 | 1952: o veraneio moderno e a constituição dos balneários do litoral norte gaúcho**. 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/132141>. Acesso em: 02 abr. 2023.

OLIVEIRA, J. L. S.; PANOSSO NETTO, A.; SEVERINI, V. F. Do overtourism à estagnação. Reflexões sobre a pandemia do Coronavírus e o turismo. **Revista Cenário**, v. 8, p. 26-43, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/32002/26352>. Acesso em: 09 out. 2022.

REZENDE, R. O. Populações em Movimento: demografia, bem-estar social e desenvolvimento do território. In: **VII Seminário da ANPTUR Anais eletrônicos**. São Paulo: ANPTUR, 2010. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/7/138.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2023.

RS/ SGPP (Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão do Estado do Rio Grande do Sul). **Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul**. 6ª ed. Porto Alegre: SPGG, 2021. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/inicial>. Acesso em: 02 abr. 2023.

SCHOSSLER, J. C. **A História do Veraneio no Rio Grande do Sul**. São Paulo, SP: Editora Paco Editorial, 2013.

STROHACKER, T. M. **Urbanização no Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul: contribuição para a gestão urbana ambiental do município de Capão da Canoa**. 2007. Tese (Doutorado em Geociências). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/10086>. Acesso em: 24 set. 2022.

UNWTO (UNITED NATIONS WORLD TOURISM ORGANIZATION). **Tourism Satellite Account: Recommended Methodological Framework 2008 (TSA-RMF 2008)**. Luxembourg, series F, n. 80, rev.1, 2010. Disponível em: https://unstats.un.org/unsd/publication/seriesf/seriesf_80rev1e.pdf. Acesso em: 29 mai. 2022.

VALENTE, P. T.; VIANA, D. R.; AQUINO, F. E.; SIMÕES, J. C. Classification of precipitation anomalies in the Rio Grande do Sul in ENSO events in the 20th century. **Sociedade & Natureza**, v. 35, p. e66073, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/mrdPfkBJswhdFdzn9LPrrTg/>. Acesso em: 02 abr. 2023.

VINER, D.; NICHOLLS, S. Climate change and its implications for international tourism. *In*: BUHALIS, Dimitrios; COSTA, Carlos (ed.). **Tourism management dynamics: trends, management and tools**. Oxford: Elsevier, 2006. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/book/9780750663786/tourism-management-dynamics>. Acesso em: 29 mai. 2022.

ZERO HORA. Ciclone-bomba deixa rastro de estragos e mortes no RS e em SC. 01 jul. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/ambiente/noticia/2020/07/ciclone-bomba-deixa-rastro-de-estragos-e-mortes-no-rs-e-em-sc-ckc3rdubq0058013ic0gp01kn.html>. Acesso em: 25 abr. 2023.

ZUANAZZI, P.; BARTELS, M. **Estimativas para a população flutuante do Litoral Norte do RS**. Porto Alegre, RS: FEE, 2016. Disponível em: <https://arquivofee.rs.gov.br/wp-content/uploads/2016/06/20160623relatorio-estimativas-para-a-populacao-flutuante-do-litoral-norte-do-rs.pdf>. Acesso em: 24 set. 2022.